

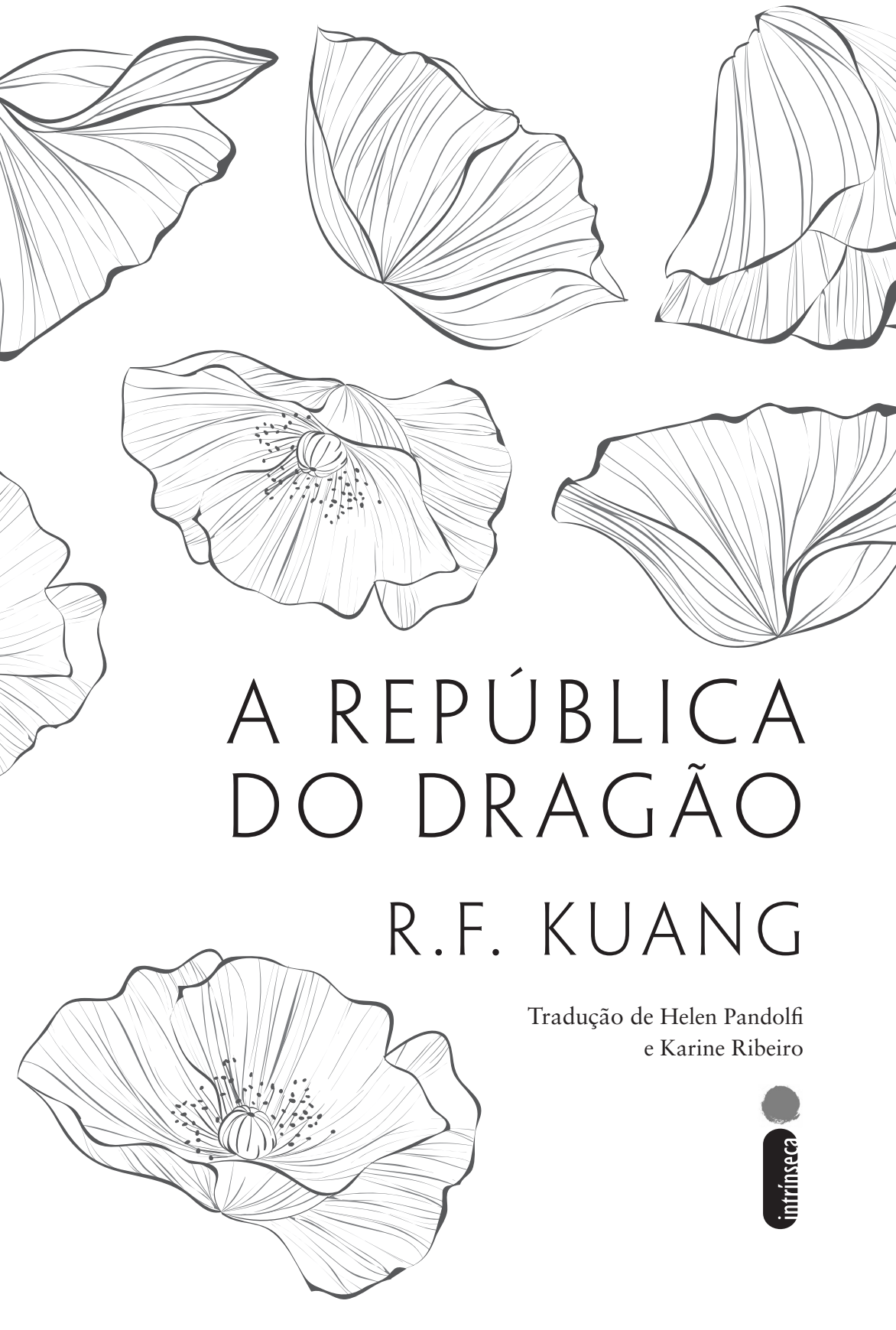


A
REPÚBLICA
DO DRAGÃO

R.F. KUANG



intrínseca



A REPÚBLICA DO DRAGÃO

R.F. KUANG

Tradução de Helen Pandolfi
e Karine Ribeiro



Copyright © 2019 by Rebecca Kuang

TÍTULO ORIGINAL
The Dragon Republic

PREPARAÇÃO
Ana Beatriz Omuro

REVISÃO
Victor Almeida

LEITURA SENSÍVEL
Diana Passy

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGENS DE MIOLO
Sudarat Wilairat / Vecteezy (papoulas nas páginas 2, 3, 6 e nas aberturas de capítulo) e Freepik (fumaça nas aberturas de parte)

MAPAS
Eric Gunther | copyright © 2017 Springer Cartographics

ADAPTAÇÃO DOS MAPAS
Henrique Diniz

DESIGN DE CAPA
© HarperCollinsPublishers Ltd 2019

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© JungShan

IMAGEM DE CAPA
Kasha_malasha / Shutterstock (círculo azul na logo)
Komsan Loonprom / Shutterstock (fumaça do verso)
Ohm2499 / Shutterstock (fumaça do verso)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K96r

Kuang, R. F., 1996-
A república do dragão / R. F. Kuang ; tradução Helen Pandolfi, Karine Ribeiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.
640 p. ; 23 cm. (A guerra da papoula ; 2)

Tradução de: The dragon republic
ISBN 978-65-5560-839-7

1. Ficção chinesa. I. Ribeiro, Karine. II. Pandolfi, Helen. II. Título. III. Série.

22-81538

CDD: 895.13
CDU: 82-3(510)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2023]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

ALERTA DE GATILHO

Este livro contém cenas de violência, tortura, estupro e consumo de drogas ilícitas.

Para

匡为华

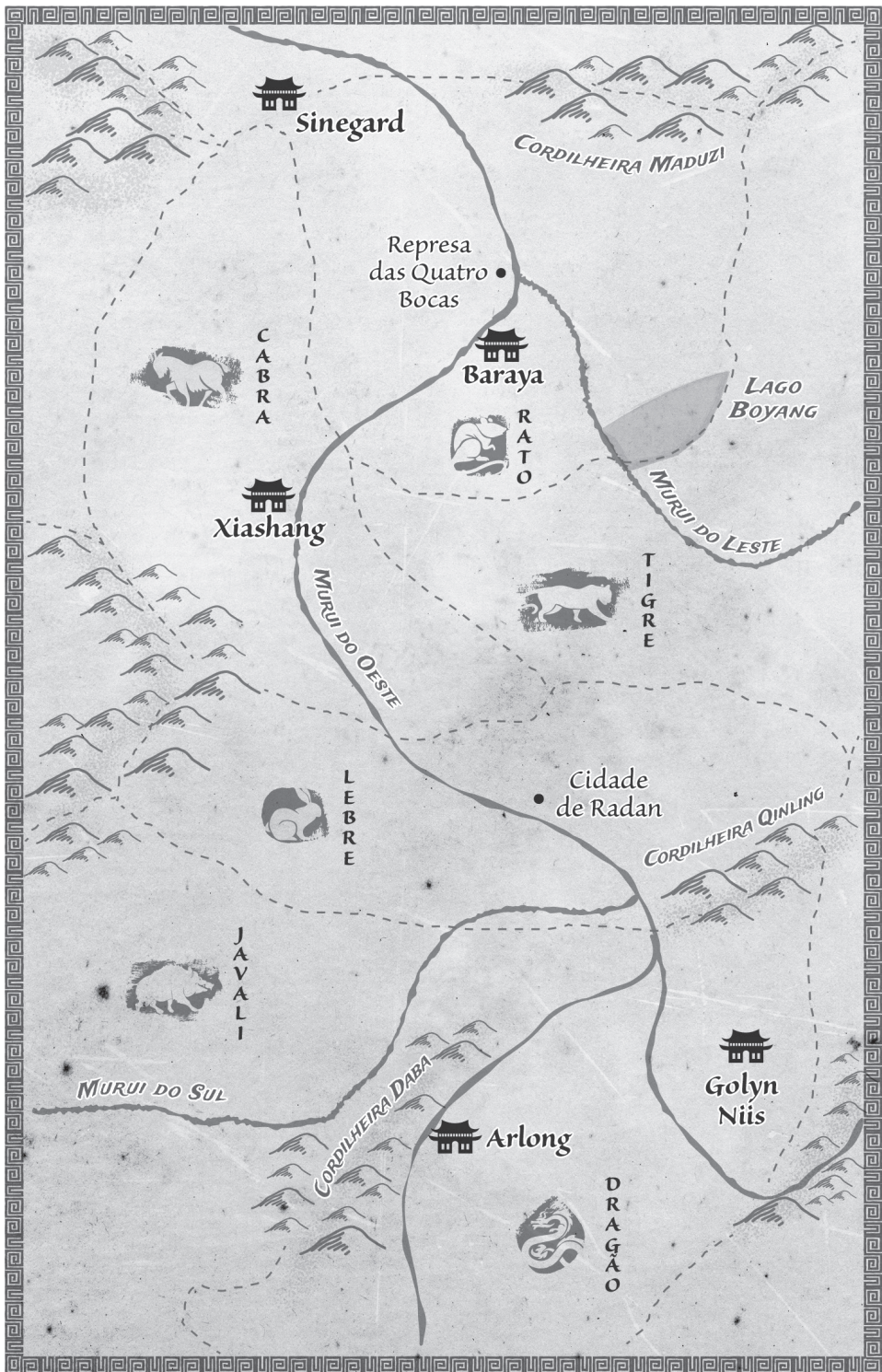
匡萌芽

冯海潮

钟辉英

杜华

冯宝兰



ARLONG, OITO ANOS ANTES

— Por favor — implorou Mingzha. — Por favor, eu quero ver.

Nezha segurou o irmão pelos punhos gorduchos e o puxou para fora da água rasa.

— Não podemos passar das ninfeias.

— Mas você não quer saber? — perguntou Mingzha, choramingando.

Nezha hesitou. Também queria descobrir o que havia nas cavernas depois da curva. As grutas do rio das Nove Curvas eram um mistério para as crianças do clã Yin desde que nasciam. Todas cresciam ouvindo histórias sobre males obscuros e adormecidos trancafiados nas gargantas das cavernas, sobre os monstros escondidos lá dentro, esperando para abocanhar crianças desavisadas com suas presas.

Isso já teria sido suficiente para seduzir as crianças Yin, que tinham espírito aventureiro em demasia. Mas elas também ouviam falar de grandes tesouros: montanhas submersas de pérolas, jade e ouro. O tutor de Clássicos de Nezha dissera certa vez que toda e qualquer joia perdida nas águas inevitavelmente ia parar nas grutas daquele rio. Às vezes, em dias de céu claro, o garoto tinha a impressão de ver, da janela de seu quarto, os raios de sol refletidos em metais brilhantes nas bocas das cavernas.

Ele queria explorar as cavernas havia anos, e aquele teria sido o dia perfeito para isso, quando todos estavam ocupados demais para prestar atenção. Mas proteger Mingzha era sua responsabilidade. Ele nunca havia sido incumbido de cuidar sozinho do irmão; até aquele dia, tinha sido considerado jovem demais. Naquela semana, no entanto, o pai estava na capital e Jinzha, na Academia; Muzha havia viajado para as Torres Cinzentas em Hesperia, e o restante do palácio estava tão atarefado com

a doença repentina da mãe que os criados haviam jogado Mingzha nos braços de Nezha sem pestanejar, dizendo apenas que não se metessem em encrenca. Nezha queria provar que estava à altura da tarefa.

— Mingzha!

O irmão havia entrado outra vez na água. Nezha xingou e saiu correndo atrás dele. Como uma criança de seis anos conseguia andar tão rápido?

— *Por favor* — suplicou Mingzha quando Nezha o segurou pela cintura.

— Não podemos — respondeu Nezha. — Vamos arranjar confusão.

— A mamãe ficou na cama a semana inteira. Ela não vai ficar sabendo. — Mingzha se desvencilhou das mãos de Nezha e abriu um sorriso travesso. — Eu não vou contar. Os criados também não. E você?

— Seu pestinha — disse Nezha.

— Só quero ver a entrada. — Mingzha sorriu, esperançoso. — Não precisamos entrar. *Por favor?*

Nezha cedeu.

— Só vamos passar um pouco da curva. Ver a boca da caverna de longe e depois dar meia-volta, ouviu?

Mingzha soltou um grito de alegria e disparou, espirrando água por toda parte. Nezha foi atrás dele e segurou sua mão.

Ninguém conseguia dizer não para Mingzha. E como poderiam? Ele era tão gordinho e alegre; uma bolinha saltitante de gargalhadas e ternura, o tesouro mais valioso do palácio. O pai o adorava. Jinzha e Muzha brincavam com ele sempre que o menino pedia e nunca o enxotavam, como haviam feito com Nezha.

A mãe era a que mais o mimava — talvez porque seus outros filhos estivessem destinados a serem soldados, enquanto Mingzha seria só dela. Ela o vestia em seda com bordados sofisticados e o enfeitava com tantos amuletos da sorte de ouro e jade que Mingzha tilintava por onde passava, andando devagar com o pesado fardo da boa-venturança. Os criados do palácio brincavam que, por causa do tilintar, sabiam que Mingzha estava chegando antes mesmo de vê-lo.

Nezha queria que Mingzha parasse para poder retirar suas joias, temendo que elas o atrapalhassem na água, que agora já batia em seu peito, mas Mingzha avançava depressa, como se tivesse o peso de uma pena.

— Vamos parar por aqui — declarou Nezha.

Eles nunca haviam chegado tão perto das grutas. O breu era tão escuro na boca das cavernas que Nezha não conseguia ver dois palmos depois da entrada, mas as paredes eram bonitas e lisas, brilhando em mil cores, como escamas de peixe.

— Olhe ali. — Mingzha apontou para algo na água. — É o manto do papai.

Nezha franziu a testa.

— O que o manto do papai está fazendo no fundo do rio?

Mas o tecido pesado que jazia na areia era inconfundivelmente de Yin Vaisra. Lá estava o emblema de dragão bordado em linha prateada sobre o azul-cerúleo vibrante que apenas os membros da Casa de Yin podiam usar.

Mingzha apontou para a gruta mais próxima.

— Veio de lá.

Um calafrio inexplicável percorreu o corpo de Nezha.

— Mingzha, saia daí.

— Por quê?

Mingzha, teimoso e destemido, arrastou os pés em direção à caverna.

A água começou a se agitar.

Nezha esticou o braço para puxar o irmão.

— Mingzha, espera...

Uma coisa enorme emergiu da água.

Nezha pôde ver uma forma escura — algo rijo e enrolado como uma serpente — antes de uma onda gigante se erguer acima dele e o mandar para baixo d'água.

O rio não devia ser fundo. A água ia só até a cintura de Nezha e os ombros de Mingzha, ficando cada vez mais rasa conforme se aproximavam da gruta. Porém, quando Nezha abriu os olhos debaixo d'água, a superfície parecia estar a quilômetros de distância, e o fundo da gruta parecia tão vasto quanto o próprio palácio de Arlong.

Ele viu uma luz verde e fraca no fundo da gruta. Viu rostos bonitos, porém sem olhos; rostos humanos marcados na areia e nos corais e um mosaico sem-fim de moedas de prata, vasos de porcelana e lingotes de ouro — uma camada de tesouros que seguia gruta adentro até onde se podia ver.

Ele notou sinais de movimento, algo escuro contra a luz, que desapareceu tão depressa quanto surgiu.

Havia algo de errado com a água. As dimensões estavam alteradas. O que deveria ser raso e iluminado era profundo, escuro e assustadoramente silencioso, hipnótico.

Em meio ao silêncio, Nezha ouviu o som distante dos gritos de seu irmão.

Desesperado, ele se debateu em direção à superfície, que parecia estar muito longe.

Quando finalmente emergiu, a parte rasa era simplesmente a parte rasa outra vez.

Nezha esfregou os olhos para enxergar, ofegando por ar.

— Mingzha?

O irmão tinha desaparecido. Havia rajadas vermelhas na água do rio, algumas delas grossas e granulosas. Nezha sabia o que era aquilo.

— *Mingzha?*

A água estava calma. Nezha vacilou e, caindo de joelhos, vomitou. Seu vômito se misturou com o sangue na água.

Ele ouviu um tilintar vindo da direção das pedras.

Ao olhar para baixo, encontrou uma tornozeleira de ouro.

Então viu uma forma escura se erguendo diante das grutas e ouviu uma voz, vinda de lugar nenhum, que reverberava em seus ossos.

— Olá, garotinho.

Nezha gritou.

PARTE I



CAPÍTULO 1

O amanhecer viu o *Petrel* cortar a névoa rodopiante ao navegar em direção ao porto da cidade de Adlaga. Depois de ser devastada pelos soldados da Federação durante a Terceira Guerra da Papoula, a segurança do porto ainda não havia se reerguido e era quase inexistente — especialmente quando se tratava de um navio de carga que exibia as cores do Exército Imperial. O *Petrel* deslizou pelos guardas do porto sem grandes problemas e atracou o mais perto possível dos muros da cidade.

Rin se apoiou na proa, tentando disfarçar os espasmos no corpo e ignorando a dor pulsante nas têmporas. Ela ansiava por ópio, mas não podia usá-lo. Não, ela precisava da mente alerta naquele momento. Funcional. Sóbria.

O *Petrel* se chocou contra a doca. O Cike se aglomerou no convés superior, observando o céu cinzento com expectativa enquanto os minutos se arrastavam.

Ramsa tamborilava com o pé na madeira do deque.

— Já passou uma hora.

— Sejam pacientes — aconselhou Chaghan.

— Pode ser que Unegen tenha fugido — comentou Baji.

— Ele não fugiu — contrapôs Rin. — Ele pediu até o meio-dia.

— Ele também seria o primeiro a aproveitar a chance de se livrar de nós — lembrou Baji.

Ele tinha razão. Unegen, que já era de longe o mais desconfiado entre os membros do Cike, reclamava havia dias da missão iminente. Rin o enviara com antecedência por terra para sondar o alvo em Adlaga. No entanto, a janela do encontro que haviam marcado estava passando depressa e Unegen ainda não havia aparecido.

— Unegen não ousaria fazer isso — disse Rin, estremeando quando o esforço da fala causou pontadas de dor na base de seu crânio. — Ele sabe que eu iria atrás dele e o esfolaria vivo.

— Hum — murmurou Ramsa. — Pele de raposa. Eu adoraria ter um cachecol novo.

Rin voltou o olhar para os arredores. Adlaga era uma cidade estranha e moribunda, metade viva e metade destruída. Um lado havia passado intacto pela guerra; o outro havia sido bombardeado de forma tão arrasadora que a jovem identificou fundações de edifícios aparecendo na grama escurecida. A divisão parecia tão exata que as casas também estavam pela metade no limite: um lado escurecido e exposto, o outro oscilando e rangendo ao sabor do vento do oceano, mas ainda assim de pé.

Para Rin, era difícil acreditar que alguém ainda morava naquele lugar. Se a Federação tivesse sido tão cruel ali quanto em Golyn Niis, só teriam restado corpos.

Um corvo finalmente emergiu das ruínas enegrecidas. Ele deu duas voltas no navio e depois mergulhou em linha reta rumo ao *Petrel*, como se mirasse um alvo. Qara ergueu o braço almofadado no ar. O corvo diminuiu a velocidade e pousou em seu pulso, envolvendo-o com as garras.

Ela passou as costas do dedo indicador atrás da cabeça da ave e por seu corpo. O corvo agitou as penas quando a jovem aproximou o ouvido de seu bico. Vários segundos se passaram. Qara permaneceu imóvel e de olhos fechados, ouvindo com atenção algo que o resto deles não conseguia escutar.

— Unegen encurralou Yuanfu — contou. — Prefeitura. Daqui a duas horas.

— Parece que você vai ficar sem cachecol — disse Baji a Ramsa.

Chaghan puxou um saco debaixo do convés e esvaziou seu conteúdo no chão de madeira.

— Vistam-se.

Ramsa teve a ideia de ir em disfarçados com uniformes roubados do Exército. Os uniformes foram a única coisa que Moag não pôde vender para o Cike, mas não foram difíceis de encontrar. Havia pilhas de corpos apodrecendo nas beiras das estradas em todas as cidades litorâneas

abandonadas. Bastaram apenas duas viagens para garimpar um número suficiente de roupas que não tivessem sido queimadas ou que não estivessem cobertas de sangue.

Rin precisou dobrar as mangas e a barra da calça de seu traje. Cadáveres de seu tamanho eram difíceis de encontrar. Ela segurou a vontade de vomitar ao calçar as botas. Havia retirado a camisa de um corpo entalado em uma pira funerária parcialmente queimada, e mesmo depois de três lavagens ainda era possível sentir o cheiro de pele chamuscada sob a água salgada do oceano.

Enrolado de forma ridícula em um uniforme três vezes maior do que ele, Ramsa fez um gesto de saudação e perguntou:

— Como estou?

Rin se abaixou para amarrar o cadarço.

— Por que está usando isso?

— Rin, por favor...

— Você não vai.

— Mas eu quero...

— *Você não vai* — repetiu ela.

Ramsa era um ás dos armamentos, mas também era baixo, franzino e completamente inútil em combate físico. Ela não estava disposta a perder seu único engenheiro de pólvora porque o garoto não sabia manejar uma espada.

— Não me obrigue a amarrar você no mastro — ameaçou Rin.

— Ah, por favor! — protestou Ramsa. — Estamos nesse navio há semanas, e estou com um enjoo tão horrível que até andar me dá vontade de vomitar...

— É uma pena. — Rin puxou o cinto pelos passantes da calça.

Ramsa tirou um punhado de rojões do bolso.

— Pode acender isso aqui, então?

Rin olhou para ele, séria.

— Acho que você não entendeu que não estamos tentando explodir Adlaga.

— Não, claro que não, só querem derrubar o governo local. Muito melhor.

— Com um número mínimo de vítimas, o que significa que não vamos precisar de você. — Rin esticou o braço e bateu no barril solitário

apoiado no mastro. — Aratsha, pode ficar de olho nele? Não o deixe sair do navio.

Um rosto indistinto, grotesco e transparente emergiu. Aratsha passava a maior parte do tempo submerso, levando os navios do Cike para onde precisavam ir; quando não estava invocando seu deus, preferia descansar em seu barril. Rin nunca havia visto sua forma humana original; na verdade, não sabia se ele ainda tinha uma.

Bolhas subiram da boca de Aratsha quando ele respondeu:

— Pois sim.

— Boa sorte — resmungou Ramsa. — Como se eu não desse conta da droga de um barril.

Aratsha olhou para ele, inclinando a cabeça para o lado.

— É bom lembrar que posso afogar você em questão de segundos.

Ramsa abriu a boca para retrucar, mas Chaghan o interrompeu.

— Podem escolher.

Itens de prata se chocaram ruidosamente quando ele despejou o conteúdo de um baú de armas do Exército no convés. Reclamando em alto e bom som, Baji trocou seu ancinho de nove pontas por uma espada comum de infantaria. Suni apanhou uma alabarda imperial, mas Rin sabia que a arma era só fachada. A especialidade de Suni era esmagar cabeças com suas enormes mãos. Ele não precisava de mais nada.

Rin prendeu uma cimitarra pirata na cintura. Não era comum no Exército, mas as espadas militares eram pesadas demais para que ela as manuseasse. Os ferreiros de Moag haviam produzido algo mais leve para ela. Rin ainda não havia se acostumado a segurá-la direito, mas duvidava que o dia fosse terminar em uma luta de espadas.

Se as coisas ficassem ruins o suficiente para que ela precisasse se envolver, então o dia acabaria em fogo.

— Vamos recapitular. — Os olhos pálidos de Chaghan correram pelos membros do Cike ali reunidos. — A situação é cirúrgica. Temos um único alvo. Isso é um assassinato, não um combate. Nenhum civil será ferido.

Ele lançou um olhar incisivo para Rin.

Ela cruzou os braços.

— Eu sei.

— Nem mesmo por acidente.

— *Eu sei.*

— Ei! — disse Baji. — Desde quando você ficou tão mandão e preocupado com danos colaterais?

— Já causamos prejuízo suficiente para seu povo — respondeu Chaghan.

— *Você* causou — retrucou Baji. — Eu não rompi aquelas barragens. Qara estremeceu diante daquela afirmação, mas Chaghan agiu como se não tivesse ouvido.

— Chega de ferir civis. Estamos entendidos?

Rin deu de ombros em um movimento brusco. Chaghan gostava de dar ordens e ela raramente se encontrava em um estado em que se importasse. Ele podia mandar no Cike o quanto quisesse. Ela só queria dar cabo do trabalho.

Três meses. Vinte e nove alvos, todos aniquilados sem erro. Mais uma cabeça dentro de um saco e eles velejariam na direção norte para assassinar o alvo final: a Imperatriz Su Daji.

Rin sentiu um arrepio percorrer seu corpo ao pensar nisso. As palmas de suas mãos ficaram perigosamente quentes.

Agora não. Ainda não. Ela respirou fundo uma vez. Depois outra, mais desesperada, quando o calor desceu e dominou seu tronco.

Baji pousou a mão em seu ombro.

— Tudo bem aí?

Ela soltou o ar devagar. Obrigou-se a contar de dez a zero e depois os números ímpares até quarenta e nove; então fez o caminho de volta, mas contando apenas os números primos. Havia aprendido aquele truque com Altan; quase sempre funcionava, pelo menos quando ela tomava cuidado para não pensar no antigo comandante ao colocá-lo em prática. A onda febril recuou.

— Tudo certo.

— E você está sóbria? — questionou Baji.

— *Estou* — respondeu ela, num tom áspero.

Baji não tirou a mão de seu ombro.

— Tem certeza? Porque...

— *Está tudo certo* — repetiu ela, explosiva. — Vamos logo estripar esse imbecil.

Três meses antes, depois da primeira vez em que o Cike partiu de navio da ilha de Speer, o grupo se deparou com uma espécie de dilema.

Mais especificamente, eles não tinham para onde ir.

Sabiam que não poderiam voltar para o continente. Com muita astúcia, Ramsa havia apontado que, se a Imperatriz pretendesse vender o Cike para cientistas da Federação, não ficaria feliz em vê-los vivos e em liberdade. Uma rápida e discreta viagem para uma pequena cidade litorânea na Província da Serpente em busca de suprimentos havia confirmado as suspeitas. Seus rostos estavam estampados em todos os postes do vilarejo. Eles eram apontados como criminosos de guerra. Havia recompensas sendo oferecidas pela prisão do grupo — se entregues mortos, quinhentas pratas imperiais; vivos, seiscentas.

Eles roubaram o máximo de caixotes com mantimentos que conseguiram e se apressaram em sair da Província da Serpente antes que pudessem ser vistos.

Ao voltarem para a baía Omonod, passaram a discutir suas opções. A única coisa na qual todos concordavam era que precisavam matar a Imperatriz Su Daji — a Víbora, a última da Trindade e a traidora que havia vendido a própria nação para a Federação.

No entanto, eram apenas nove pessoas — oito, sem Kitay — contra a mulher mais poderosa do Império e todas as forças combinadas do Exército Imperial. Tinham poucos suprimentos, apenas as armas que traziam às costas e um barco roubado tão escangalhado que eram obrigados a passar boa parte do tempo tirando água do convés.

Então eles velejaram para o sul, passando pela Província da Serpente e pelo território do Galo, seguindo a linha do litoral até chegarem à cidade portuária de Ankhiluun. Lá passaram a trabalhar para a Rainha Pirata Moag.

Rin nunca havia conhecido uma pessoa que respeitasse tanto quanto Moag — a Rainha Duroa, a Viúva Mentirosa, que governava Ankhiluun com pulso firme. Era uma consorte que se transformara em pirata, passando de Dama a Rainha ao assassinar o marido, e vinha comandando o local como território ilegal de comércio estrangeiro há anos. Tivera conflitos com a Trindade durante a Segunda Guerra da Papoula e passara a combater os patrulheiros da Imperatriz desde então.

Ela estava mais do que contente em ajudar o Cike a se livrar de Daji de uma vez por todas.

Em troca, ela pediu trinta cabeças. O Cike havia conseguido vinte e nove. A maioria delas era de ladrões de meia-tigela, capitães e mercenários. A principal fonte de renda de Moag era o contrabando de importações de ópio; por isso, ela ficava de olho em traficantes que não jogavam conforme as regras de seu jogo — ou pelo menos que não molhavam sua mão.

A cabeça de número trinta seria mais difícil. Rin e o Cike tinham a intenção de derrubar o governo local de Adlaga.

Moag tentava se infiltrar no mercado de Adlaga havia anos. A pequena cidade costeira não tinha muito a oferecer, mas seus habitantes, muitos deles viciados em ópio desde a época da ocupação da Federação, gastariam suas economias em importações de Ankhiluun com prazer. Adlaga havia resistido ao tráfico agressivo de ópio de Moag pelas duas últimas décadas apenas devido a seu magistrado particularmente vigilante, Yang Yuanfu, e sua gestão.

Moag queria Yang Yuanfu morto. O Cike era especializado em assassinatos. Era a combinação perfeita.

Três meses. Vinte e nove cabeças. Apenas mais uma missão e eles teriam prata, navios e soldados o bastante para distrair a Guarda Imperial por tempo suficiente para que Rin pudesse encontrar Daji e envolver seu pescoço com dedos em chamas.

A segurança no porto deixava a desejar, e a defesa dos muros era inexistente. O Cike passou pelos muros de Adlaga sem interferências — o que não era difícil, considerando o fato de que a Federação havia aberto enormes buracos ao longo dos limites da cidade, e nenhum deles estava sendo vigiado.

Unegen os encontrou depois dos portões.

— Escolhemos um dia muito bom para um assassinato — comentou ele ao guiá-los pelo beco. — Yuanfu deve chegar à praça da cidade ao meio-dia para uma cerimônia de celebração da guerra. Vamos pegá-lo à luz do dia, e sem mostrarmos nossos rostos.

Diferente de Aratsha, Unegen preferia sua forma humana quando não estava invocando os poderes metamorfos do espírito de raposa. No entanto, Rin sempre enxergava algo de lupino na maneira como ele se portava. Unegen era ao mesmo tempo astuto e assustadiço; seus olhos

estreitos estavam sempre disparando de um lado para o outro, rastreando todas as rotas de fuga possíveis.

— Então nós temos o quê, duas horas? — indagou Rin.

— Um pouco mais do que isso. Há um depósito a poucas quadras daqui que está razoavelmente vazio — disse ele. — Podemos nos esconder lá para esperar. Depois, hum, podemos nos separar com facilidade caso as coisas deem errado.

Rin se voltou para o Cike, ponderando.

— Vamos tomar as extremidades da praça quando Yuanfu aparecer — decidiu ela. — Suni no sudoeste. Baji a noroeste, e eu vou para o lado oposto.

— Distrações? — perguntou Baji.

— Não.

Geralmente, distrações eram uma excelente ideia, e Rin adorava delegar a Suni a tarefa de causar o máximo de caos possível enquanto ela ou Baji se esgueiravam para cortar a garganta do alvo; porém, durante uma cerimônia pública, o risco para os civis era grande demais.

— Vamos deixar a primeira tentativa para Qara. O resto de nós abre caminho de volta para o navio caso haja resistência.

— Ainda estamos tentando fingir que somos mercenários comuns? — perguntou Suni.

— Fazer o quê? — respondeu Rin.

Até aquele momento, eles haviam se saído relativamente bem em esconder o alcance de suas habilidades, ou ao menos em silenciar qualquer um que pudesse espalhar boatos. Daji não sabia que o Cike estava indo até ela. Quanto mais tempo a Imperatriz acreditasse que eles estavam mortos, melhor.

— Mas estamos lidando com um oponente acima da média, então façam o que for preciso — ordenou a comandante. — No fim das contas, o que queremos é uma cabeça em um saco.

Ela respirou fundo e executou o plano mentalmente outra vez, pensativa.

Ia funcionar. Ia dar tudo certo.

Traçar estratégias com o Cike era como jogar xadrez com peças extremamente poderosas, imprevisíveis e bizarras. Aratsha dominava a água. Suni e Baji eram bárbaros, capazes de aniquilar esquadrões

inteiros sem derramar uma gota de suor. Unegen podia se transformar em uma raposa. Qara não apenas se comunicava com pássaros, como também podia acertar o olho de um pavão a cem metros de distância. E Chaghan... ela não sabia muito bem o que Chaghan fazia além de irritá-la sempre que podia, mas ele parecia capaz de fazer as pessoas enlouquecerem.

Todos eles juntos contra uma simples autoridade de uma cidadela e seus guardas parecia um exagero.

No entanto, Yang Yuanfu estava acostumado a tentativas de assassinato. É preciso estar quando se é uma das poucas autoridades incorruptíveis no Império. Ele se cercava de um esquadrão dos homens mais aguerridos da província aonde quer que fosse.

Rin sabia, com base nas informações de Moag, que Yang Yuanfu havia sobrevivido a pelo menos treze tentativas de assassinato ao longo dos últimos quinze anos. Seus guardas estavam habituados a traições. Para passar por eles, seria preciso lutadores de habilidades sobrenaturais. Seria preciso exagero.

Depois de chegar ao depósito, o Cike não podia fazer nada além de esperar. Unegen ficou de vigia ao lado das ripas da parede, tendo espasmos contínuos. Chaghan e Qara estavam sentados de costas para a parede, em silêncio. Suni e Baji aguardavam com uma postura relaxada, de braços cruzados casualmente, como se estivessem apenas esperando pelo jantar.

Rin andava de um lado para o outro, concentrando-se na própria respiração e tentando ignorar as pontadas doloridas em suas têmporas.

De acordo com suas contas, fazia trinta horas desde sua última ingestão de ópio. Era mais do que havia conseguido em semanas. Ela retorcia as mãos unidas enquanto andava, tentando mitigar os espasmos.

Os gestos não ajudaram. Também não fizeram com que sua dor de cabeça passasse.

Merda.

No começo, ela pensava só precisar do ópio para o luto. Pensava que poderia fumar para sentir alívio, até que as memórias de Speer e Altan se transformassem em uma dorzinha tênue, até que pudesse funcionar sem a culpa sufocante do que havia feito.

Ela acreditava que *culpa* era a palavra para descrever aquilo. O sentimento irracional, não o conceito moral. Porque ela dizia a si mesma que não se arrependia, que os mugeneses mereceram seu destino e que jamais olharia para trás. No entanto, a lembrança assombrava seus pensamentos, como um abismo escancarado em sua mente onde ela havia atirado todos os sentimentos humanos que a ameaçavam.

Mas o abismo continuava atraindo sua atenção. Chamando-a para dentro.

E a Fênix não queria que ela se esquecesse. A Fênix queria que ela se gabasse daquilo. A Fênix vivia de fúria, uma fúria intrinsecamente atrelada ao passado. Então a Fênix usava suas garras para escancarar as feridas abertas na mente de Rin e incendiá-las, dia após dia, porque isso fazia com que ela se lembrasse, e as lembranças alimentavam a fúria.

Sem o ópio, as imagens piscavam constantemente na mente de Rin, muitas vezes mais vívidas do que a realidade que a cercava.

De vez em quando eram de Altan. Na maioria das vezes, não. A Fênix era um canal para gerações de lembranças. Milhares e milhares de *speerlieses* haviam rezado para o deus em meio ao luto e ao desespero. E a deusa havia reunido aquele sofrimento, o armazenado e o transformado em chamas.

As lembranças também podiam ser ilusoriamente serenas. Às vezes, Rin via crianças de pele escura correndo para cima e para baixo em uma praia de areia clara e águas cristalinas. Via chamas mais adiante na costa: não eram piras funerárias, tampouco chamas de destruição, mas fogueiras. Chamas feitas de lareiras, cálidas e acolhedoras.

E algumas vezes ela via os *speerlieses*, um grupo grande o bastante para encher um vilarejo próspero. Ficava sempre deslumbrada com a *abundância* de gente, uma raça inteira de pessoas que algumas vezes ela temia ter criado em sua imaginação. Se a Fênix se demorasse, Rin conseguia até mesmo assimilar fragmentos de conversas em um idioma que quase compreendia, ou vislumbrar rostos que quase reconhecia.

Não eram os monstros ferozes das histórias de Nikan. Não eram os guerreiros irracionais que o Imperador Vermelho exigira que fossem e que todos os governos subsequentes os forçaram a ser. Eles expressavam afeto, riam e choravam em torno de suas fogueiras. Eram *pessoas*.

No entanto, antes que Rin pudesse mergulhar na lembrança de uma ascendência que não possuía, sempre enxergava barcos no horizonte distante, vindos da base naval da Federação no continente.

O que acontecia em seguida era uma névoa de cores, perspectivas sobrepostas que se alteravam rápido demais para que Rin pudesse acompanhar. Gritos, urros, movimento. Filas e filas de speerlieses alinhados na praia, armas em mãos.

Mas nunca era o bastante. Para a Federação, eles provavelmente se pareciam com selvagens, portando pedaços de pau para lutar contra deuses, e as explosões de canhão incendiavam o vilarejo com a rapidez de um fósforo atirado em gravetos.

Bombas de gás eram disparadas dos navios-torre com sons terrivelmente inocentes de estalos. Quando atingiam o chão, expeliam nuvens densas e gigantescas de uma fumaça amarela e acre.

As mulheres caíam. As crianças se contorciam. Os guerreiros se dispersavam. O gás não era imediatamente letal; seus inventores não eram assim tão gentis.

Então a carnificina começava. A Federação atirava contínua e indiscriminadamente. As balestras dos mugeneses disparavam três virotes ao mesmo tempo, lançando uma rajada incessante de metal que rasgava pescoços, crânios, braços, pernas e corações.

O sangue derramado formava um padrão semelhante a mármore na areia branca. Os corpos jaziam imóveis onde haviam tombado. Ao amanhecer, os generais da Federação marchavam até a praia, esmagando os corpos caídos com as botas, indiferentes, avançando para fincar sua bandeira na areia manchada de sangue.

— Temos um problema — disse Baji.

Rin voltou a prestar atenção, como num estalo.

— O quê?

— Dê uma olhada.

Ela ouviu o som inesperado de sinos. Um som alegre, completamente deslocado naquela cidade arruinada. Rin pressionou o rosto em um espaço nas ripas do depósito. Um dragão de tecido balançava para cima e para baixo em meio à multidão, sustentado por hastes seguradas por dançarinos. Outros dançarinos vinham logo atrás, agitando flâmulas e

fitas, seguidos por músicos e oficiais do governo carregados em liteiras vermelho-vivo. Depois deles, vinha a multidão.

— Você disse que era uma cerimônia pequena — acusou Rin. — Não a droga de um desfile.

— As coisas estavam calmas uma hora atrás — defendeu-se Unegen.

— E agora a cidade inteira está amontoada naquela praça. — Baji semicerrava os olhos para enxergar por entre as ripas. — Vamos mesmo continuar com aquela regra de evitar vítimas civis?

— Sim — confirmou Chaghan, antes que Rin pudesse responder.

— Como você é sem graça — resmungou Baji.

— Aglomerações facilitam assassinatos — explicou Chaghan. — Fornecem oportunidades melhores de nos aproximarmos do alvo. Dê o golpe sem ser visto e depois desapareça na multidão antes que os guardas tenham tempo de reagir.

Rin abriu a boca para dizer *Mesmo assim, são várias testemunhas*, mas as câimbras de abstinência a interromperam. Uma onda de dor percorreu seus músculos; começou em seu abdômen e depois irradiou para o resto do corpo, tão repentina que, por um momento, sua visão escureceu, e tudo o que ela conseguiu fazer foi levar uma mão ao peito, ofegante.

— Você está bem? — perguntou Baji.

Um pouco de bile subiu por sua garganta antes que a resposta se formasse. Rin pensou estar prestes a vomitar. Um segundo ataque de náusea afligiu seu estômago. Depois mais um.

Baji pousou a mão em seu ombro.

— Rin?

— *Estou bem* — insistiu ela pelo que pareceu a milionésima vez.

Ela não estava bem. Sua cabeça estava latejando outra vez, e agora a dor vinha seguida de uma náusea que tomava sua caixa torácica e não passava até que ela se apoiasse nos joelhos, gemendo.

Um jato de vômito lavou o chão.

— Mudança de planos — anunciou Chaghan. — Rin, de volta para o navio.

Ela enxugou a boca.

— Não.

— Você não está em condições de ser útil.

— Eu sou sua comandante — decretou ela. — Então cale a boca e faça o que eu mando.

Chaghan estreitou os olhos. Silêncio recaiu sobre o depósito.

Rin e Chaghan estavam disputando o controle do Cike havia meses. Ele questionava as decisões dela sempre que podia; aproveitava toda e qualquer chance para deixar bem claro que acreditava que Altan havia cometido um erro ao nomeá-la comandante.

E, sendo franca, Rin sabia que ele tinha razão.

Ela era uma péssima líder. A maioria de seus planos de ataque nos últimos três meses se resumia a “todo mundo ataca ao mesmo tempo e vamos ver o que acontece”.

Porém, habilidades de liderança à parte, ela tinha que estar lá. Ela tinha que ir até o fim em Adlaga. Desde que partiram de Speer, suas crises de abstinência só pioravam. Ela estivera apta durante as primeiras missões para Moag. Depois, a matança interminável, os gritos e as memórias do campo de batalha passaram a estimular mais e mais sua fúria, até ela passar mais horas do dia entorpecida do que sóbria e, mesmo quando *estava* sóbria, ela sentia que estava à beira da loucura, porque a maldita Fênix nunca calava a boca.

Ela precisava sair do precipício. Se não pudesse cumprir uma simples tarefa, se não pudesse matar um oficial qualquer de cidadela que nem sequer era um xamã, dificilmente conseguiria enfrentar a Imperatriz.

E ela não podia perder a chance de se vingar. Vingança era a única coisa que Rin possuía.

— Não coloque tudo em risco — aconselhou Chaghan.

— Não me subestime — retrucou Rin.

Chaghan suspirou e se voltou para Unegen.

— Pode ficar de olho nela? Eu te dou láudano.

— Achei que eu tivesse que voltar para o navio — respondeu Unegen.

— Mudança de planos.

— Está bem. — Unegen deu de ombros. — Se você insiste.

— Para com isso — reclamou Rin. — Não preciso de babá.

— Você vai esperar nas extremidades da multidão — ordenou Chaghan, ignorando-a. — Não vai sair do lado de Unegen. Vocês dois serão nossos reforços. Agirão apenas em último caso.

Ela bufou, debochada.

— Chaghan...

— *Apenas em último caso* — repetiu ele. — Você já matou inocentes demais.

O momento chegou. O Cike se dispersou, escapulindo do depósito um por vez para se juntar à multidão.

Rin e Unegen se misturaram às massas de Adlaga sem grandes dificuldades. As ruas principais estavam abarrotadas de civis, todos imersos em seus próprios anseios, e os barulhos e imagens eram tantos e vinham de tantas direções que Rin, sem saber para onde olhar, não conseguiu evitar um brando sentimento de pânico.

Uma confusão de gongos e tambores de guerra em profunda discórdância abafava a música de alaúde que abria o desfile. Havia comerciantes vendendo suas mercadorias a cada esquina, gritando preços com uma urgência que ela associava a avisos de evacuação. Havia confetes vermelhos cobrindo as ruas depois de serem jogados aos punhados por crianças e artistas, uma nevasca de papel vermelho em todas as superfícies.

— Como eles têm orçamento para isso? — resmungou Rin. — A Federação os deixou passando fome.

— Ajuda de Sinegard — chutou Unegen. — Fundo de celebração de fim de guerra. Para mantê-los felizes e leais.

Rin via comida por todos os lados. Enormes cubos de melancia em espetinhos. Pãezinhos de doce de feijão. Barraquinhas vendendo bolinhos cheios de caldo cozidos no vapor e tortinhas recheadas com pasta de sementes de lótus ladeavam as ruas. Vendedores viravam bolinhos de ovo com movimentos ágeis. Em qualquer outra circunstância, o crepitar do óleo a deixaria com fome, mas agora os cheiros pungentes apenas embrulhavam seu estômago.

Parecia ao mesmo tempo injusto e impossível que pudesse existir tamanha abundância de comida. Apenas poucos dias antes eles haviam passado por pessoas afogando os próprios bebês na lama do rio para lhes proporcionar uma morte mais rápida e misericordiosa, impedindo que morressem lentamente de fome.

Se tudo aquilo vinha de Sinegard, isso significava que o Império tivera comida armazenada o tempo todo. Por que teriam retido as reservas durante a guerra?

Se as pessoas em Adlaga estavam se perguntando a mesma coisa, não deixavam transparecer. Todos pareciam tão *felizes*. Rostos relaxados de alívio porque a guerra tinha acabado, o Império havia saído vitorioso e eles estavam em segurança.

E isso deixava Rin furiosa.

Ela sempre tivera problemas com raiva e sabia disso. Em Sineward, agira com frequência em rompantes furiosos e impulsivos e lidara com as consequências depois. Mas agora a raiva era permanente, uma fúria inexplicável que a dominava sem que ela pudesse explicar ou controlar.

Mas Rin não desejava contê-la. A raiva era um escudo. A raiva a ajudava a se proteger das lembranças do que havia feito.

Porque, contanto que estivesse *com raiva*, estaria tudo bem. Ela havia agido com razão. Ela temia que, se deixasse de sentir raiva, se partiria em mil pedaços.

Rin tentou se distrair varrendo a multidão com os olhos em busca de Yang Yuanfu e seus guardas. Tentou se concentrar na tarefa a ser executada.

Sua deusa não permitia.

Mate-os, incitava a Fênix. *Eles não merecem essa felicidade. Eles não lutaram.*

Ela foi acometida por um vislumbre repentino do mercado em chamas. Sacudiu a cabeça energicamente, tentando calar a voz da Fênix.

— Não. Pare...

Queime-os.

As palmas de suas mãos arderam. Seu estômago se retorceu. Não. Não aqui, não agora. Ela fechou os olhos com força.

Transforme-os em cinzas.

Seus batimentos cardíacos se aceleraram; sua visão escurecia e clareava de novo. Ela se sentia febril. A multidão de repente pareceu estar repleta de inimigos. Em um instante, todos eram soldados da Federação em seus uniformes azuis, portando armas; no segundo seguinte, eram apenas civis novamente. Ela respirou fundo, ofegante, tentando forçar os pulmões a se encherem de ar, apertando os olhos enquanto tentava fazer com que a névoa vermelha fosse embora mais uma vez.

Desta vez, porém, não estava dando certo.

O riso, a música, os rostos sorridentes que a cercavam, tudo fazia com que ela tivesse vontade de gritar.

Como ousavam continuar vivendo quando Altan estava morto? Parecia absurdamente injusto que a vida seguisse em frente e que essas pessoas estivessem celebrando uma guerra que não haviam vencido por conta própria, sem nem mesmo terem sofrido...

O calor em suas mãos se intensificou.

Unegen a segurou pelos ombros.

— Pensei que você estivesse se controlando.

Em um salto, ela se voltou para ele.

— *Eu estou!* — sibilou ela.

Alto demais.

As pessoas ao redor recuaram, afastando-se de Rin.

Unegen a puxou para longe da multidão, levando-a para a segurança das sombras nas ruínas de Adlaga.

— Você está chamando atenção.

— *Estou bem*, Unegen, me solta...

Ele não a soltou.

— Você precisa se acalmar.

— Eu sei...

— Não, estou dizendo que precisa se acalmar *agora*. — Ele indicou com a cabeça um ponto atrás de Rin. — Ela está aqui.

Rin se virou para olhar.

E lá estava a Imperatriz, portando-se como uma noiva em uma liteira de seda vermelha.

No Império Nikara, a guerra é o início e o fim de tudo, e a paz é apenas uma ilusão. A vitória na Terceira Guerra da Papoula foi garantida e o inimigo foi derrotado, mas as doze províncias estão afundadas em miséria, matança e destruição, prontas para retomar antigas rivalidades em conflitos locais por poder. A nação pode ruir a qualquer momento, e a esperança de salvá-la reside, mais uma vez, em uma única pessoa: Fang Runin.

Rin. A guerreira que salvou o Império. Que cometeu atrocidades inimagináveis. Que usou seus poderes xamânicos para varrer a Federação de Mugen do mapa. À noite, os gritos de suas vítimas não a deixam dormir. Para aliviar a culpa sufocante que sente e deter o fogo e a fúria da Fênix dentro de si, ela se entrega ao vício em ópio.

Embora não veja mais sentido em viver, Rin se recusa a morrer antes de se vingar da Imperatriz, a mulher que traiu a nação. Para isso, a jovem une forças com o poderoso líder da Província do Dragão, que planeja conquistar o Império, depor a governante e criar uma nova república.

Em meio a maquinações políticas, negociações militares e conspirações, Rin não sabe em quem confiar, mas tem certeza de que uma nova guerra se anuncia. E, dessa vez, a Fênix terá uma oponente à altura.

No segundo volume da trilogia best-seller *A Guerra da Papoula*, R.F. Kuang mostra novamente por que se tornou um dos nomes mais importantes da fantasia atual, trazendo elementos da história militar chinesa em uma trama sombria e incendiária sobre poder, loucura e as consequências devastadoras da guerra.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1239/>

